

1045



15 mm long
22/3/67
Tridium grayi

CARTA À MÃE
EM AGOSTO. 1969

Rio, final de agosto de 69
Janôe

Sei que você ainda não se acostumou com a ~~ausência~~ ausência. O caminho que escolhi é bastante difícil e ambos devemos saber isso, devemos esforçar a realidade como ela é. Estou fazendo algo que considero certo e necessário e para isto saí de casa e abandonei os estudos.

Passei o mês de agosto seu perigo algum país onde estou e quase impossível me encontrar em vez de seculos seculi e encontro sócio completeamente impossível me pegarem, estarei num hotel segurando. Digo isto porque é verdade e não quero que você e o papai percebam o sono por minha causa.

Esta fase inicial de separação e bastante difícil para todos, foi muito rápida e prematura. Pensei haja porque um dia isto viria a acontecer. Eu não estava preparado e nem vocês, mas meus medos pela realidade fomos que nos fizessem uma adaptação rápida e isto é difícil mas não impossível. Tinha pensado muito no Claudio e no Celso sobre a minha influência "negativa" na formação destes. Elas não tem ainda capacidade para saber o que aconteceu estão com uma ideia de formação da realidade, pensam que sou meu bandido inconsciente perseguido pela polícia e halvem até se esconderem do mundo. I que fiz não é vergonhoso para

ningém, estou de cabeça erguida e quero que todos também
estojam. O ser humano que tem suas ideias e não as terá pra
prática é um fracasso, hipócrita e cabotino; e isto eu não sou,
pois o caminho obrigatorio da teoria é a prática e se esta
se mostra diferente, cabe, dentro desta prática, corrigi-la e
formar uma nova teoria para buscar novamente a unidade.
A educação que vocês me deram foi muito boa, a prova
disso é que Gilberto e Farha ~~atingiram~~ o objetivo com a
mesma diretriz educacional. É importante e necessário
que o Claudio e o Celso tenham a mesma educação,
dê a elas a mesma liberdade dada aos outros iruado's,
não teme suborná-los com milhares. O que aconteceu comigo
independente do bazi. Pôsste a elas sempre a verdade, não apenas
a verdade do Repórter. Eles mas todos a verdade e de
todos os ângulos e a 2ª verdade é esta carba pois bôda a
pauula deve lê-la. Aqui não há nada particular nem
vergonhoso pois já disse que estou de cabeça erguida.

Titio, Farha e Nelson também estão surpresos, não?
Pois é... Pega ao bazi desculpas pelos livros que dei por lá
(foi longe das galinhas) mas eu precisava melhorar a pensaria.
Dia 7 vim ai, dé um abraço meu no Gilberto e oubre na
Vera. Elas também devem ter estor costa quando fui possele.
Nunca, eu nunca havia escrito antes pra você, não é?
Convide de vez em quando os pais do Newton e do Frederico
para jantarem, são todos ótimas pessoas e você já deve
saber disso.

Espero que por farha temo tenho que terminar,

gostaria de escrever ainda mais.

Papai meu ver me disse que não há nada de ruim sob o sol. Isso não é verdade, tudo se transforma e está lei não tem exceções. O prova são as mudanças ocorridas em algumas famílias atuaismente.

Papai é uma pessoa bem idiosa. Pensa e trabalha só de sol a sol. Sua posição social melhorou? Seu poder aquisitivo aumentou? Hoje ele teria condições para criar 5 filhos? Ele, que sociodade é essa que vive com o trabalho árduo da grande maioria do povo brasileiro enquanto uma minoria fica viajando pelo mundo e consumindo residências em Bariloche, Miami, Riviera, etc? Enquanto o nordestino só tem a roupa do corpo e vende farinha com água e Dener faz um vestido que custa mais caro que um carro, isto é certo?

Mauãé, estou bem de saúde e em segurança. Eu como se eu estivesse num colégio interno como passei a infância. Não corro perigo algum e não preciso se preocupar. Estou terminando a carta, deus que os outros fôda a alguma, amor e carinho que você deu a mim. Não tem nenhuma-las, seria um grande erro. Fazendo por possível, escrevo de novo completando esta.

beijos. Fábio

1047

CARTA X HAMORADA E X
FAMILIA EM JULHO. 1970
(ENCONTRADA EM CUBA HA-
EPOCA, MAS X CORRESPONDEN-
CIA FOI ENVIA DA POR
COMPANHEIROS DE ROMA)

Júlia

O tempo passa, entrelaçamos mas não esquecemos de muitos de talles. Seu aniversário foi no mês passado (com o que esqueceu?), mas nunca é tarde pra dar um abraço bem bonito. Sabe de uma coisa, estou doido pra dar este abraço pessoalmente; mas hei, sim da.

Júlia, se lembra quando me despedi de você lá na porta do seu colégio? Eu disse que ia viajar e você não acreditou. Bem, naquela dia eu queria te dizer uma coisa mas achei que era bestinha, mas na verdade não é. Parece algo bobo ou superficial mas quero que você pense nisso. Sempre pelo seu personalidade (e muito). Brigue deixa, você tem certeza e saiba de que o caminhos mais fáciil seu sempre é o certo.

Fuiro que fôdas as nossas amizades comuns me esqueça. Portanto não preciso dizer pra ninguém que te escrevi, né? Nesta carta não há nada pessoal e como, é só meu, anel meio duro, aproveito pra mandar duas coisas: só. Quando acabar de ler, favor levá-la lá em casa, tá? Na verdade não tenho muita coisa pra dizer. Não tenho nada pra contar nem pra saber. Daí tenho lido quase tudo nos jornais brasileiros que comungo e daqui não tenho feito nada de importante. Isso banho, não? Pô, é, como eu disse, não tenho nada pra escrever, portanto, qualquer dia escrito de novo, tchau?

tchau.

Só: O dia das mães não foi esquecido. Nem os aniversários nem parintia.

TEXTO REDIGIDO PARA
A CERIMÔNIA DE
ENTREGA DA MEDALHA
CHICO MENDES
EM
MARÇO. 1991

Dentre os crimes do regime militar de 64, está o assassinato de Flávio Carvalho Molina, estudante carioca torturado até a morte nos antros demenciais do DOI-CODI de São Paulo, um dia antes de completar 24 anos.

Se Flávio estivesse vivo, compartilharia desses momentos de celebração e de homenagem aos que – ontem e hoje – defendem com a própria vida a dignidade do ser humano. Impulsado por sua coragem e pelo gume da sua consciência cristalina, Flávio não teria se arredado da luta contra a opressão que ainda esmaga a maioria dos brasileiros. Ao desfrutar nossos dias, veria mais crianças de rua, mais pobreza, maior violência contra os trabalhadores e dependência internacional mais profunda. E estaria redobrando forças para derrotar os responsáveis por esse estado de coisas e dar melhor rumo aos nossos destinos.

Os crimes da ditadura transparecem ainda mais brutais e imperdoáveis quando se percebe o valor de jovens como Flávio Molina e o vazio aberto por suas mortes. Quisermos contar com ele para enfrentar agora a desfaçatez governante e somar seu empenho ao dos que vivem no campo – sua frente de militância – onde se organizam os trabalhadores rurais sufocados por gerações de exploração e se denunciam os crimes quase diários cometidos contra suas liberdades. Flávio combateria conosco, ombro a ombro, os que desmontam a empresa pública sob o pretexto falaz de um receituário liberalista, os que mascaram a irresponsabilidade social com publicidade e os que levam a cabo os corolários inconfessados da ideologia neoliberal e passam a matar homossexuais, delinqüentes e crianças de rua.

Por que mataram Flávio Molina?

Era o terceiro filho de Alvaro e Maria Helena Molina. Tinha paixão pelo alpinismo e pela música. Ao cursar o secundário, despertou sua consciência política, esteve preso e estremunhou a brutalidade policial contra os estudantes; logo engajou-se na luta revolucionária. Aos 22 anos, perseguido pelas forças da repressão, deixou a casa dos pais e os estudos universitários, e passou a viver na clandestinidade; incorporou-se à ALN, esteve dois anos fora do país e, ao voltar, passou a militar no Movimento de Libertação Popular.

Foi preso no dia 6 de novembro de 1971, em São Paulo. Presos políticos que se achavam no DOI-CODI são testemunhas de que Flávio foi morto sob tortura, no dia seguinte ao da sua prisão, desmentindo a versão oficial de que ele teria sido morto ao tentar fugir.

Foi sepultado dois dias depois no cemitério Dom Bosco, em Perus, com o nome de guerra que usava, apesar das autoridades terem conhecimento do seu nome verdadeiro. Cinco anos depois, seus restos mortais foram enterrados em vala comum, com os de outros 1500 mortos. Somente em 1981, sua família comprovou – por iniciativa própria – a existência da vala secreta. Mas foi preciso esperar quase 20 anos, desde a morte de Flávio, para que seus familiares pudessem contar com respaldo político e apoio técnico para desvendar o crime.

Finalmente, em setembro de 1990, graças à Prefeitura de São Paulo, o caso veio à tona e ganhou repercussão internacional. A família Molina obteve judicialmente a retificação de assentamento de óbito, a reconstituição da identidade de Flávio e vai, oportunamente, responsabilizar a União.

Descanse em paz, Flávio Molina, companheiro.